

JANUÁRIO CICCIO E SEU ITINERÁRIO SOCIAL NA CIDADE DO NATAL (RN)

LENINA LOPES SOARES SILVA*
JOSÉ WILLINGTON GERMANO**
OLIVIA MORAIS DE MEDEIROS NETA***

INTRODUÇÃO

A construção da história da medicina e da assistência à saúde no Rio Grande do Norte está associada às ideias e ao espírito de luta profissional e social desenvolvido pelo médico Januário Cicco, falecido em 1952. “Um homem para além do seu tempo”, como o considera o também médico norte-rio-grandense Iaperi Araújo (2000b).

Este trabalho é resultado da pesquisa “Memória da Formação Médica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte”. (SILVA, 2008, p. 49-64). Pauta-se, assim, em estudos bibliográficos de natureza qualitativa, por demandar uma argumentação substantiva capaz de respaldar o pesquisador na tomada de decisões críticas e conscientes diante do tema em estudo, qual seja: o itinerário social de Januário Cicco, tendo como parâmetro seus principais intérpretes Lopes (1957), Sarinho (1988), Aguiar (1992), Araújo (2000), Davim (1999) e Pinheiro (2003).

JANUÁRIO CICCIO E A CIDADE DO NATAL

Januário Cicco, natural da cidade de São José de Mipibú, no Rio Grande do Norte, chegou à cidade de Natal em 1906, já formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em Natal idealizou e procurou criar as condições de assistência à saúde da população, até então limitada ao Hospital da Salgadeira, que, segundo Pinheiro (2003, p. 32): “[...] tem valor

* Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação/UFRN, Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia, Mestre e Doutora em Ciências Sociais pela UFRN. Professora do PPGEPIFRN.

** Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais da UFRN, professor dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Educação da UFRN.

*** Graduada e Mestre em História (UFRN), Doutora em Educação (UFRN). Professora do PPGEPIFRN.

histórico como marco inicial na Província do Rio Grande do Norte, da transição do hospital como instituição de assistência aos pobres, para constituir uma Medicina hospitalar ou hospital médico terapêutico.” Este Hospital foi criado em 1855 e fechado em 1906, por inadequação física para o atendimento à saúde das pessoas.

Em 1906, ano em que Januário Cicco chegou a Natal, o cenário social e político na capital potiguar era marcado pela escassez de investimentos em políticas públicas em todos os setores e em especial, para a saúde e a educação. É nesse cenário que Januário Cicco vai atuar, iniciando seu itinerário profissional sem fugir de suas responsabilidades com a coletividade, com o social desta cidade. Marca sua trajetória médica social pela busca da criação de um hospital para assistência à população pobre. Para isso, logo observou que precisavam ser criadas as condições físicas e humanas, pois a necessidade social já estava posta e a política de saúde, mesmo se fosse pensada, não era executada.

O único hospital que existia na cidade era o já citado Hospital da Salgadeira, uma espécie de asilo para oferecer assistência social às pessoas pobres. Nesse Hospital, atendiam os médicos Segundo Wanderley e Afonso Barata sem condições materiais para tal assistência. De acordo com Araújo (2000b), o Hospital era

[...] um pardieiro, depósito de doentes infectados e desenganados na rua da Salgadeira, fazia às vezes de hospital, onde os pestilentos, os condenados à morte e os desvalidos da sorte, abandonados pelas suas famílias, aguardavam a hora da morte, sob os cuidados de um único enfermeiro. (ARAÚJO, 2000b, p. 14).

Certamente, este não era o cenário desejado por Januário Cicco e por essa e outras razões, em 1909, cansado de observar a situação precária de assistência à saúde em Natal, resolveu solicitar ao então Governador Alberto Maranhão (1908 -1913) que envidasse esforços no sentido de construir um Hospital da Caridade nesta cidade de clima ameno, ensolarada e propícia para a cura de diversas doenças e para onde acorriam pessoas doentes de todo o Estado do Rio Grande do Norte e, até mesmo, de outros Estados do Brasil.

É assim que, três anos depois de sua chegada à cidade, conforme estudos de Sarinho (1988, p. 11), o novo Hospital da Caridade, hoje Hospital Onofre Lopes, foi

[...] inaugurado em 1909, com a responsabilidade de prestar todo o atendimento de urgência por não existir um serviço de Pronto-Socorro na cidade. Quando inaugurado recebeu [...] o nome de Hospital de Caridade Juvino Barreto, instalado na edificação de uma antiga casa de veraneio, situada no Monte Petrópolis, de propriedade do então Governador, que a cedeu ao Estado.

Este foi o Hospital onde durante oito anos, o Dr. Januário Cicco atendeu e dirigiu praticamente sozinho as atividades administrativas e médicas. Em 1917, com o aumento do atendimento no referido Hospital foi nomeado, pelo Governador do Estado, o médico Otávio Varela para auxiliar Januário Cicco. Sobre essa relação, Araújo (2000b, p. 18) conta que “[...] durante quase dezenove anos, os dois foram irmãos e amigos [...]” no trabalho de atendimento à saúde da população de Natal e se revezavam diuturnamente para fazer o melhor possível.

É notório que, neste momento histórico, o Governo do Estado do Rio Grande do Norte buscava alinhar a sua economia à brasileira, no compasso do processo de industrialização do Brasil da Primeira República (1889 - 1930). Nesse sentido, pode-se afirmar que o Governo brasileiro também estava criando as condições de infra-estrutura para o desenvolvimento industrial do país. O mundo vivia a I Guerra Mundial (1914-1918) e com ela estávamos prestes a acender a chama dos sentimentos de nação-brasileira. Para Paulo Santos (2005, p. 53 - 54), nesse momento, o desenvolvimento do Estado norte-rio-grandense mostrava que “[...] os interesses retrógrados do latifúndio exportador perdiam força, enquanto, cresciam as forças que lutavam pela renovação da ordem nacional.”

Nessa direção, os novos interesses passavam por caminhos educativos e culturais para atender à demanda da economia industrializada e ao projeto de modernidade da cidade de Natal e do Estado almejado por Januário Cicco e seus companheiros de luta por assistência à saúde. Juntos formavam um grupo de intelectuais que lutava por melhorias nas condições sociais, existenciais e principalmente educacionais da população de Natal, desassistida pela política local e nacional.

Souza (1984) esclarece ainda que

[...] à semelhança do que aconteceu em vários Estados Brasileiros nas primeiras décadas do século atual, as elites culturais e administrativas do

Rio Grande do Norte conjugaram suas energias no sentido de dotar o nosso Estado de um estabelecimento de ensino superior. (SOUZA, 1984, p. 17).

Nesse movimento de incremento do projeto de modernidade da cidade de Natal, vemos que, em 1920, vai aparecer a idéia de criação do primeiro curso de ensino superior em Natal, juntamente com a crise urbana que havia se instaurado. Esta demandava melhores condições sanitárias para a cidade e era uma das principais preocupações pessoais, profissionais e intelectuais de Januário Cicco. Crise que pode ser lida nas narrativas literárias e historiográficas de Luís da Câmara Cascudo (1898 - 1986), especificamente em “História da Cidade do Natal” (1980).

As narrativas cascudianas sobre esta cidade revelam a compreensão e o papel desse intelectual e de outros intelectuais do Rio Grande do Norte nas discussões sobre a relação entre saneamento e educação. No entanto, Souza (1984), alerta para a ação empreendida quando era Governador do Rio Grande do Norte Antônio José de Melo e Souza (1919 - 1923) “político e literato.” Em seu Governo foi criada a Escola de Farmácia, mediante o Decreto nº 192, de 8 de janeiro de 1923, por sugestão do Deputado Joaquim Inácio Torres, o qual já havia sugerido ao Congresso Legislativo do Estado, que autorizou a criação do Curso através da Lei nº 497, de 2 de dezembro de 1920. Ainda, em 1923, o referido Governador sancionou a Lei nº 570, criando o Curso de Odontologia, em Natal. Esse funcionaria anexado à Escola de Farmácia. Posteriormente, estas Escolas foram agregadas, passando a se chamar Escola de Farmácia e Odontologia de Natal.

É válido informar que a primeira Escola de Ensino Superior de Natal supracitada conseguiu formar apenas uma turma com dois alunos e foi extinta no Governo de José Augusto Bezerra de Medeiros (1924 -1928).

No entanto, constatamos que outras idéias estavam sendo gestadas na direção do desenvolvimento educacional do Estado, ainda no Governo de José Augusto de Medeiros, pois em 1º de maio de 1925, o Governador José Augusto (1924 - 1928) criou a Universidade Popular do Rio Grande do Norte, tentando articular forças para conter o operariado potiguar que vinha, desde o início do século, se organizando na luta por melhores condições de trabalho e de vida e que, desde 1923, estava sob a liderança de Café Filho, visto como ameaça pelas oligarquias locais. Esta Universidade foi criada com o apoio da Igreja Católica e de

parcela do operariado local. Foi instalada no mesmo ano de 1925, nas cidades de Natal, em maio, em Goianinha/RN, em junho, e em Touros/RN, em julho do mesmo ano, de acordo com Souza (1984).

Essa Universidade, não tinha por objetivos a formação profissional em nível superior, nem para leigos, nem para religiosos. Ela apenas servia para agregar pessoas para ouvir conferências de cunho e culto ideológicos sobre assuntos escolhidos pelos organizadores com focos discursivos, direcionados apenas para os operários. Diferente, portanto, do que tinha idealizado e proposto por Joaquim Torres com o apoio dos intelectuais da cidade, entre os quais Januário Cicco.

A Universidade instituída por José Augusto, na interpretação de Souza (1984):

[...] o fulcro das conferências desta universidade era a questão social. Não que as elites locais pretendessem resolvê-la. A aliança do Governo do Estado com a Igreja Católica e os Coronéis tinha somente o objetivo político de conter a influência de Café Filho no seio da classe operária em formação e protegê-la contra influências ideológicas estranhas à nossa formação social. (SOUZA, 1984, p. 26).

Podemos perceber que, as finalidades desse novo espaço de aprendizagem, chamado de Universidade, eram diferentes daquelas da Escola de Farmácia e de Odontologia. Isto por compreendermos que havia na Universidade criada pelo Governador José Augusto (1924 - 1928), objetivos de natureza política, em sentido eleitoral e governista, pela incorporação do discurso do poder aos trabalhos desenvolvidos. A intencionalidade desta visava a coibir os movimentos populares que se insurgiam naquele momento, em greves feitas pelos operários, pleiteando garantias fundamentais, tanto para o trabalho quanto para as condições sociais de vida. Constatção que pode ser confirmada pela presença do Governador ou de um dos seus representantes legais na presidência das conferências em Natal, desde a primeira aula que, segundo Souza (1984), deixou apenas duas alternativas para o operariado: “Ou Deus ou a Revolução”?

Os interesses em discussão nas conferências não pactuavam com os interesses sociais pautados nas condições materiais e sociais de vida e de trabalho dos operários e nem nas necessidades da sociedade. Tratava-se, prioritariamente, dos interesses da oligarquia que ocupava o poder naquele momento, procurando inibir as consciências para permanecer mais

tempo no comando da política local. Contudo, não podemos negar que ela se constituiu como espaço de aprendizagem pública, especialmente para aqueles que conseguiram ver nela as diferenças em relação à anterior criada para formar profissionais necessários ao atendimento à saúde da população.

É relevante salientar que, a Escola de Farmácia e Odontologia era mais alinhada às perspectivas de Januário Cicco para fazer avançar a educação para a saúde na cidade do Natal. Assim sendo, não podemos dizer que a primeira Universidade Popular do RN tenha sido criada nos moldes das Universidades Populares criadas na França, em 1894, tendo em vista que, segundo Ovídio Valois Correia (2000), estas foram fundadas por trabalhadores que com, espírito crítico, tentavam articular-se para, através do conhecimento buscar meios de ação e de libertação para as classes populares, melhorando suas condições existenciais de vida.

Nesse sentido, se por algum momento Januário Cicco e a elite intelectual do Natal viram na Faculdade de Farmácia e Odontologia o embrião da Faculdade de Medicina, este foi abortado no Governo José Augusto, que assim descartava um dos mecanismos modernizadores da cidade, sobrepondo a esta uma Universidade sem direcionamentos pedagógicos ou profissionais, enfim, formativos, portanto, alheia ao bem comum.

Todavia, Januário Cicco não desistiu de sua luta e como um caminhante social incansável em seu percurso, como nos ensina Calvino (1997, p. 19), pois continuou a percorrer “[...] um caminho para uma completude não individualista, a ser alcançada, por meio da fidelidade a uma autodeterminação individual [...]” no espaço político, cultural e social da cidade do Natal.

Dessa forma, alinhado ao pensamento médico brasileiro Cicco buscava os meios necessários para organizar a cidade nos moldes modernos, como preconizados no discurso médico implantado no Brasil, desde o século passado, como nos faz compreender Gondra (2000), ao expor que os médicos eram chamados a discutir a nova ordem social e seus problemas, inclusive opinando sobre a formação das novas gerações, não só pelo viés da saúde, mas também pela via da educação e do espaço social urbano.

Na cidade do Natal, não só os médicos, mas, um grupo de intelectuais de diversas áreas do conhecimento, naquele momento histórico social, empreendia esforços para que essa cidade pudesse se tornar uma cidade moderna.

Como médico, Januário Cicco jamais fugiu às discussões sociais e culturais de seu tempo, particularmente aquelas de interesse coletivo. Com essa perspectiva, ele procurou colaborar com o desenvolvimento da cidade em vários aspectos. Com essa interpretação corrobora Araújo (2000a) quando informa que por toda década de 1920, as dificuldades geradas pelas necessidades administrativas e financeiras do Hospital de Caridade Juvino Barreto levaram Januário Cicco a propor ao então Governador José Augusto, em 1927, a geração de recursos para manutenção do Hospital. Desta proposta, surgiu a idéia da criação de uma Sociedade Civil, que foi fundada com o nome de Sociedade de Assistência Hospitalar (SAH), cuja finalidade voltava-se predominantemente para a assistência médica aos pobres do Estado, através de contratação com o governo estadual para administração do já referido Hospital e seus anexos.

Januário Cicco envolvido em um grupo de médicos e intelectuais locais foi trançando os caminhos que redundariam na realização de suas investidas, no sentido da criação de novos modos de organização social, não só de assistência à saúde em Natal, mas também de produção de conhecimentos vinculados à área da saúde e da organização urbana nesta cidade. Na SAH, ele fundou um Centro de Estudos, para nele serem discutidas questões relativas à clínica médica, à produção científica e à pesquisa na área da saúde. (AGUIAR, 1992).

Esse Centro de Estudos pode ser considerado como um avanço na direção da modernidade da cidade em termos de formação continuada daqueles que cuidavam da assistência à saúde. Entretanto, para Davim (1999, p. 24), havia no Rio Grande do Norte uma crescente instabilidade política e esta interferia nos serviços de saúde oferecidos à população e, como conseqüência, na atuação dos médicos. Visão comprovada pelos casos do fechamento por questões políticas do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, que havia sido inaugurado em 1917 e da Escola de Farmácia e Odontologia, com os quais colaboravam quase todos os médicos residentes na cidade.

Por esses motivos e não sem razões, os médicos demonstravam insatisfação com as situações geradas pela política local, especialmente aqueles que trabalhavam em instituições públicas. É preciso lembrar que nesse período, a comunidade médica em alguns Estados

brasileiros já havia desenvolvido uma atuação com poder de barganha nas decisões do Estado, quando do enfrentamento de problemas relativos à saúde e à educação da população.¹

Assim, pela situação política da saúde pública, da educação e dos médicos em Natal, naquele momento, começaram os esforços para a implementação da organização profissional destes, como vinha se desenvolvendo em nível nacional e mundial. Foi com essa intenção que a comunidade médica do Rio Grande do Norte reuniu-se, em agosto de 1931, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, para fundar a Sociedade de Medicina e Cirurgia do RN. Conforme Davim (1999, p. 24), estavam presentes, à reunião, os médicos: “Ernesto Fonseca, Nélio Tavares, Luiz Antônio, José Tavares, Otávio Varela, Paulo de Abreu, Oscar Gondilho, Manoel Vitorino de Melo, Paulo Abreu, Oscar e José Neves”, sendo em seguida consignados também como fundadores: “Alfredo Lira, Varela Santiago, Antônio China, Afonso Barata, Paulo Rouanet, Ricardo Barreto, Maia Monteiro, Mariano Coelho, José Varela, Armando China, Pedro Amorim, Ezequiel Fonseca Filho, Lauro Wanderley, Caldas Bivar, Heitor Carrilho e Artistides do Rego Monteiro.” Nessa reunião, Januário Cicco foi escolhido como um dos organizadores dos estatutos da Sociedade, cuja instalação solene aconteceu no dia 30 de agosto de 1931, no mesmo local da reunião de criação.

Os apontamentos feitos por Davim (1999), Tavares (2001), Souza (1984) e Sarinho (1988), são possibilidades para se compreender que a Sociedade de Medicina e Cirurgia (SMC/RN), da forma como foi instituída, seria um órgão que articularia diversas funções, dentre as quais: a) Registrar e fiscalizar as atividades médicas no RN; b) Fomentar a organização profissional dos médicos; c) Possibilitar a troca de experiências profissionais; d) Promover a formação continuada e a atualização médica através da exposição de trabalhos e artigos, o que se fazia na “pauta científica,” durante as sessões ordinárias da SMC/RN.

Paulo Davim (1999) reforça essa interpretação quando enfatiza que

[...] as apresentações eram preparadas com todo esmero científico e informações disponíveis, obedecendo aos formalismos habituais das tradicionais Academias de Medicina. Ao final de cada exposição, o apresentador era argüido sobre o tema, gerando, por vezes, polêmicas e até debates mais acirrados dentro da permissividade científica. (DAVIM, 1999, p. 26).

¹ O caso do Rio de Janeiro, no início do século XX, é bastante ilustrativo disto e serve como exemplo para Gondra (2004) e para Lopes (2000) em suas reflexões sobre educação e medicina nesta cidade.

Na “pauta científica” da SMC/RN, de 1931 a 1940, os trabalhos científicos apresentados trataram dos mais diversificados temas na área da saúde e, pelos comentários feitos mais de 50 anos depois por profissionais médicos, os assuntos eram inovadores e relevantes, pois buscavam aprimorar tanto a ciência médica quanto a divulgação dos estudos e as informações sobre saúde e doença, para o conhecimento de outros profissionais. (DAVIM, 1999). Traduziam-se, portanto, em formação continuada e atualização médica e, ao mesmo tempo, contribuía para a disseminação da ideia e da preparação necessárias à criação da Faculdade de Medicina de Natal, o que só veio a ocorrer em 1955.

Entre os vários trabalhos apresentados nesse espaço de reflexão e exercitação do pensamento científico, citados por Davim, encontram-se: “O cliente pobre”, de Januário Cicco; “A vacinação pelo BCG”, de Onofre Lopes; “Inversão Uterina,” de Travassos Sarinho; e, “Imunização Paraespecífica,” de Sebastião Monte.

Januário Cicco, em 1931, há mais de 25 anos na cidade do Natal atuava incansavelmente como diretor da Sociedade de Assistência Hospitalar/RN e era sócio fundador da Sociedade de Medicina e Cirurgia/RN. Nesses dois espaços ele lutava para dar continuidade ao seu trabalho de luta pelo atendimento à saúde dos pobres e pela criação das condições físicas e humanas para a fundação de uma Faculdade de Medicina em Natal; seu grande sonho como profissional médico. É válido lembrar que, no ano de 1927, ele havia recebido do então Prefeito do Natal, o engenheiro Omar O’Grady (1924 - 1930), a doação de um terreno ao lado do Hospital da Caridade para ser construída uma Maternidade, cuja construção só foi iniciada em 1932.

Para Araújo (2000a), a construção da Maternidade foi liderada por Januário Cicco, que, para angariar fundos, promovia festas, rifas, quermesses e concursos de beleza, organizados pelas senhoras e senhoritas da cidade. Ele também recorria aos amigos e aos comerciantes locais. “Apesar dos percalços e quase dez anos após iniciada, a Maternidade ficou pronta no início da década de [19]40,” (ARAÚJO, 2000a p. 33). Mas, ainda não foi esse o momento da inauguração do “Palácio da mãe pobre,” como era chamada por seu idealizador – Januário Cicco – pois, conforme Araújo (2002a, p. 33), em 1941, a SAH/RN cedeu o prédio

da Maternidade para servir de Quartel General e Hospital de Campanha ao Exército Brasileiro, durante a II Guerra Mundial (1939 - 1945).

As lutas pela modernização da cidade na visão dos intelectuais natalenses como vimos passavam pelo progresso educacional, por isso, mesmo durante a II Guerra Mundial eles continuaram empreendendo esforços nesse sentido e finda a Guerra, em 1947, a Igreja Católica criou a Escola de Serviço Social de Natal. No mesmo ano, o Professor Luiz Soares de Araújo refundou a Faculdade de Farmácia e de Odontologia, que foi autorizada a funcionar, em 6 de dezembro de 1948, pelo Decreto Federal n° 25.973, e reconhecida em 29 de julho de 1952, pelo Decreto Federal n.º 31.209.

Vemos assim, que a ideia de Universidade no RN, iniciada no início do Século XX, vinha tomando formas diversas e, segundo Souza (1984), em 1948, o escritor, historiador e folclorista norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo (1898 - 1986) “[...] liderou um movimento em prol de uma Universidade Popular, [...] a fim de movimentar o meio intelectual [...]” de Natal. (SOUZA, 1984, p.26 - 27).

A Universidade Popular de Câmara Cascudo (como ficou conhecida) foi instalada em 1º de maio de 1948, no Instituto Histórico e Geográfico do RN e nessa, foram ministradas 18 aulas. Analisando-se sua finalidade pelo conjunto de temas abordados, poderíamos dizer que se tratava de uma abordagem transdisciplinar, pois, dentre as temáticas, vamos encontrar aulas de literatura, artes, história, religião, saúde e filosofia, seguidas de músicas. Vai, dessa maneira, além do aparato disciplinar. Nesse percurso reflexivo, encontramos em Morin (2002, p. 270) a seguinte proposição: “Os saberes são empilhados porque não são reunidos e ligados uns aos outros” e que

[...] expressões artísticas incitam-nos à consciência das realidades humanas, especialmente nas relações afetivas de pessoa a pessoa, a inserção numa família, classe, sociedade, nação, história, em suma, incitam-nos à consciência do caráter complexo da condição humana (MORIN, 2002, p. 19).

Talvez, fosse essa “consciência das realidades humanas” que guiava Januário Cicco e seus companheiros, dentre esses, Câmara Cascudo que se fazia presente em todas as

investidas sociais relacionadas às melhorias das condições existenciais da população da cidade.

Por assim ter se constituído, assimilamos que a cultura humanista foi o núcleo dessa Universidade Popular fundada por Cascudo, sua intenção e finalidade, embora temporariamente em Natal, pois promovia a reflexão sobre a condição do ser em sua existência, em seu espaço de produção e de vida, sem negar-lhe a arte, a literatura e a estética, religando saberes numa época em que as especializações já eram uma realidade.

Souza (1984, p. 29) ainda enfatiza que, a “Universidade Popular de Câmara Cascudo”: “[...] representou um movimento intelectual capaz de suscitar nas elites natalenses a consciência do seu valor. E, inegavelmente, renovou e fomentou a idéia de Universidade que seria concretizada no final da década de [19]50.” Dessa maneira, “[...] os intelectuais são os únicos campeões que enfrentam os problemas fundamentais e comuns a todos [...]” (MORIN, 2001, p. 81).

Esse movimento mostrou uma forma diferente de os intelectuais fazerem política social, no momento em que as aulas voltavam-se para os interesses de todos os cidadãos, unindo a arte à ciência. Demonstrando, portanto, que a cultura, dita erudita, pode ser apreciada pelas pessoas comuns, desde que a elas sejam dadas as condições de conhecê-la. Esclarecemos que a referida Universidade, de certa maneira, incorporava as tendências das Universidades Populares Francesas, nas formas disseminadas pelo Brasil, a partir de 1943, que vão culminar com a criação dos Centros de Cultura Popular, de acordo com Gurgel (1986).

Sobre isto, observamos o que nos informa Souza (1984) quanto à penúltima aula proferida pelo maestro Waldemar de Almeida, cuja temática “O Canto Coral” foi ilustrada com diversos números de Chopin, Betthoven, Bach e outros clássicos, encerrando-se com “O Canto da Raça”, de “autoria do conferencista a três vozes [...]” (SOUZA, 1984, p. 28-29). Compreendemos, assim, que a visão de cultura perpassada pelo exemplo dessa aula assemelha-se a de Rosnay (2002, p. 499): “A cultura é uma argamassa, um cimento que permite construir sentido integrando conhecimentos.” Este quem sabe, tenha sido o modo encontrado por aquele grupo de intelectuais de diversas áreas do saber residentes em Natal,

para fazer ressurgir após a II Guerra Mundial a esperança na vida em um mundo voltado para a paz.

Nessa perspectiva, voltamos à Maternidade sonhada e construída com muitos esforços por Januário Cicco e seus colaboradores. Para reinseri-la no diálogo, vamos usar o princípio de recursividade, proposto por Morin (2002b) para retornarmos no tempo em busca dos acontecimentos e das ações dos sujeitos como produtores e receptores dessas ações. Com o término da II Guerra Mundial em 1945, esperava-se que o Exército Brasileiro devolvesse o prédio da Maternidade. Todavia, isto não ocorreu, o que, segundo vários historiadores locais, só veio a acontecer após muitos esforços de Januário Cicco.

Sob a liderança de Januário Cicco, o prédio da Maternidade que foi construído com muitos sacrifícios pela população da cidade foi devolvido em péssimas condições; mas, efetuados os reparos necessários com a indenização paga pelo Governo Federal, a Maternidade de Natal, foi inaugurada em 12 de fevereiro de 1950. Esta serviu para homenagear seu idealizador e construtor, mediante proposição feita por Dom Marcolino Dantas e por Luís da Câmara Cascudo ao Governador do Estado do RN, Sylvio Piza Pedroza (1951-1956), para que passasse a denominar-se Maternidade Januário Cicco, que, num futuro breve, seria a hoje Maternidade-Escola Januário Cicco.

Dessa maneira, o nome de Januário Cicco seria lembrado pelo povo do Rio Grande do Norte e pelos médicos que pela Maternidade passam como estudantes ou como profissionais até o momento atual.

No dia 1º de novembro de 1952, Januário Cicco morreu, sua esposa e sua única filha já haviam falecido. Portanto, não deixou herdeiros diretos, nem herança, mas, deixou um legado para seu colega e companheiro de lutas, o médico Onofre Lopes: a continuação do trabalho que vinham desenvolvendo em prol da criação de um curso médico em Natal.

No dia da missa de sétimo dia, em 7 de novembro de 1952, período do Governo de Sylvio Piza Pedroza (1951-1956), foi sancionada a Lei nº 693, que doava o terreno do Hospital Miguel Couto (antes Hospital Juvino Barreto) e adjacências para a construção do Complexo Hospitalar da Faculdade de Medicina, para a SAH/RN.

Para intelectuais como Aguiar (1992), Januário Cicco foi um “brilhante homem de letras,” e

[...] elaborou diversos trabalhos que, ainda hoje, o salientam pela riqueza de pensamento, conteúdo e atualidade: Destino dos Cadáveres; Puericultura do Ano 2000; Como se higienizaria Natal; Abrigo Padre João Maria; Notas de um Médico de Província; Eutanásia; Herança Mórbida; Grande Mal; além de ter proferido brilhantes conferências. (AGUIAR, 1992, p. 56, grifo do autor).

Esta visão é ratificada por Araújo (2000b) quanto a Januário Cicco, quando o destaca como um médico “além do seu tempo”, porque, mesmo morando numa pequena cidade do Nordeste brasileiro, com poucos recursos, conseguiu deixar uma lição de cidadania, pela participação política, social e profissional, para seus companheiros e colegas médicos e não médicos ao dedicar sua vida à melhoria das condições de assistência à saúde da população de sua terra natal, para ele:

Como médico e homem público, como administrador e homem de letras, Januário Cicco foi sempre um homem de visão além de seu tempo. Seus trabalhos e suas idéias buscavam sempre uma antevisão do futuro. Olhando adiante do tempo, planejava as coisas para responder a longo prazo. Desde sua tese de doutoramento onde abordava a cremação dos cadáveres, avançando mais 50 anos sobre a ideologia do tempo, já se esboçava no jovem médico de 25 anos, a vanguarda do seu espírito que tornado indômito, buscava adiantar-se ao pensamento de sua época. (ARAÚJO, 2000b, p. 68).

Nessa mesma linha de tradução e interpretação do itinerário social de Januário Cicco, Pinheiro (2003, p. 41), corrobora a visões formuladas por Araújo e Aguiar quando propõe que “Januário Cicco simbolizou e cultivou valores da época, além de imprimir um estilo de gestão e um modelo de autoridade, aos moldes das mais antigas instituições, que parecem resistir ao tempo.” E, ainda, com Onofre Lopes (1957), que nele via um médico incansável, quando sobre este afirma:

Era um alvoroço, uma luta de um homem que se batia contra tudo, que suava, que bramava, que cansava. Mas, logo após, a um chamado do Hospital, pressuroso, montado no seu belo cavalo ia com a mesma disposição, com a mesma dedicação, com o mesmo entusiasmo, todo grande, generoso e humano [...]. (LOPES, 1957, p. 33).

Assim sendo, refletir sobre Januário Cicco em seu itinerário social mostra-o como um médico engajado no processo de modernidade da cidade de Natal, passando necessariamente pela constituição da história da medicina e da assistência à saúde da população no Rio Grande do Norte.

REFLEXÕES FINAIS

Concluimos que Januário Cicco viveu numa pequena cidade do Nordeste do Brasil e deixou para o seu povo uma lição de cidadania, de solidariedade e de participação política, inserindo-se profissionalmente como médico e como cidadão, nos problemas sociais de seu tempo, em seu momento histórico, primeira metade do Século XX.

Januário Cicco foi além de médico, um homem de letras, um intelectual para além de si, para o coletivo de uma região do Brasil que ainda no início do Século XXI, reclama por assistência médica apesar de sua intensa luta por quase 50 anos, no Século passado.

Sendo assim, encerramos este trabalho afirmando que este médico não fugiu ao discurso e à prática civilizadora dos médicos de sua época como podemos observar em seus trabalhos científicos e por sua luta incansável para transformar Natal em uma cidade moderna.

Despedimo-nos do acompanhante de nossas reflexões, com a certeza de que em Natal não é difícil reencontrá-lo como caminhante do tempo nas lembranças dos que conheceram os caminhos que se entrecruzaram e compuseram o itinerário social de Januário Cicco e a história das ideias da formação médica nesta cidade. Afinal, “o passado tinha um futuro,” como afirma Ricouer (2002, p. 369) e Januário Cicco continua presente no palácio da mãe pobre como assim ele denominava a Maternidade que hoje leva seu nome como Maternidade – Escola...

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. C. R. D. de. **História do ensino farmacêutico no RN: 1920-1992**. Natal: UFRN, Ed. Universitária, 1992.

ARAÚJO, Iaperí. **História da Maternidade-Escola Januário Cicco**. Natal: EDUFRN, 2000a.

ARAÚJO, Iaperí. **Januário Cicco: um homem além do seu tempo**. Natal: EDUFRN, 2000b.

BEZERRA, Lauro Gonçalves. **Como se faz(ia) um reitor**. Natal: Fundação José Augusto, 1993.

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Ítalo. **Os nossos antepassados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CALVINO, Ítalo. **O caminho de San Giovanni**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALVINO, Ítalo. **Um general na biblioteca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade de Natal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: Instituto Nacional do Livro, Natal: UFRN, 1980.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Cultura e civilização: pesquisa e notas de etnografia geral**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CORREIA, Ovídio Valois. **A extensão universitária no Brasil: um resgate histórico**. São Cristóvão/SE: Ed. UFS, Fundação Oviêdo Teixeira, 2000. (Org.) Marta Vieira Cruz e Maria Elisa Cruz).

DAVIM, Paulo. **Médicos de ontem por médicos de hoje**. Natal, RN: EDUFRN, 1999.

GONDRA, José Gonçalves. Medicina, Higiene e educação escolar. In: LOPES e outros (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

LYRA, Carlos. (Coord.) **A memória viva de Onofre Lopes**. Natal/RN: EDFURN, 1984.

LOPES, Myriam Bahia. **O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890 -1920**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

LOPES, Onofre. **O padre e o médico**. Natal, Departamento de Imprensa, 1957. Separata da Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

MEDEIROS FILHO, João. **Contribuição à história intelectual do Rio Grande do Norte**. Natal, Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. 1983

MINEIRO, Fernando. **Natal em perfil**: por uma cidade cidadã. Passos. 2. ed. Natal: 1998.

MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal, RN: EDUFRN, 1999a.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PINHEIRO, Themis Xavier de Albuquerque. **Meandros e dilemas de uma reforma em saúde**: a prática dos primórdios. Tese (Doutorado) em Saúde Coletiva – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2003, 193 f.

RICOUER, Paul. O passado tinha um futuro. In: MORIN, E. **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Cap. 6, p. 369-378.

SANTOS. Paulo Pereira dos. **O RN na história do desenvolvimento brasileiro**. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2005

SARINHO, Clóvis Travassos. **Hospitais do Rio Grande do Norte** (notas, apontamentos, história). Natal: Nordeste Gráfica Ltda, 1988.

SOCIEDADE DE ASSISTÊNCIA HOSPITALAR DO RIO GRANDE DO NORTE. (Natal/RN). Resolução de criação da Faculdade de Medicina de Natal. Natal/RN 29 de janeiro de 1955. 1 CD Room.

SOUZA, Itamar de. **Universidade**: Para quê? Para quem? Natal: Clima, 1984.

TAVARES, Ciro José. **À sombra do tempo**. Brasília: André Quicé, 2001.